

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

## A recompensa...

Está tudo consumado! Guimarães já tem um corpo policial composto de 6 polícias e um cabo! A cidade sacrificada passou a ser, desde o primeiro dia do corrente mês, — que felizes entradas!!! — recompensada com este importante melhoramento. Guimarães, que tinha um Regimento, um D. de R., um Liceu Central, uma E. P. S., uma Inspeção Escolar, etc., já tem, em recompensa de tudo isto, seis fardas de polícia e uma de cabo! Para reclame, chegam perfeitamente...

Guimarães que era a rainha humilde entre as outras mais opulentas, passou a ser, cruel e injustamente, uma *serva* sacrificada da economia nacional!

Guimarães, que é forte e poderosa para entrar nos cofres do Estado com avultadas receitas, é considerada como *matéria inerte* para auferir aquilo que teve, e a que ainda tem direito. Não queremos discutir as Leis de quem nos governa, mas revolta-nos a pouca consideração que tem havido para com a nossa terra, quasi que uma falta de confiança no que diz a História.

Se terras há que mereçam, indiscutivelmente, a protecção dos governantes, Guimarães é, sem dúvida alguma, uma delas.

Porém, alguns servidores da ditadura não o têm entendido assim, colocando-a — em relação a outras — numa inferioridade que não tem razão de ser.

Atenda, pois, o actual Governo as justas pretensões de toda a população deste concelho — das quais já tem conhecimento — e nós diremos, com prazer, visto que somos vimaranenses, que nos foi feita a Justiça devida.

Enquanto que não formos recompensados — pondo de parte o corpo das 7 fardas policiais — continuaremos a protestar, sempre que nos seja permitido, contra a cegueira daqueles que retiraram de Guimarães o que, fazendo justiça, deviam conservar. Defendendo a nossa terra, como é nosso dever, não praticamos um crime, mas apenas procuramos ser justos e contribuir para o bom desempenho da nossa missão, que, ao contrário do que propalam os nossos inimigos, não tem só por fim a causa política, mas também, e acima disso, a defesa dos interesses de Guimarães, que a *política dos políticos* sempre defendeu. Cumpramos, pois, o nosso dever, e continuemos a bradar: — O' Guimarães teu progresso tua vida.....

## CARTA DE PARIS

por MARIANO FELGUEIRAS

Chegam-me sempre tarde as notícias da minha terra; tarde e incompletas, quando não deturpadas. Quantas vezes, com os direitos e responsabilidades que me dá a participação activa que tive na administração do município, a vontade me surge de intervir, por meio da imprensa, na crítica e castigo da política de retrocesso e arrangismo que, ininterruptamente e sem excepções, aí tem predominado, desde há cerca de 2 anos! Mas, admitindo que houvesse, para me acolher, uma imprensa republicana, livre e absolutamente avêssa a bajulações, que não hesitasse em proclamar a verdade e abertamente manifestasse opiniões e princípios, fôsse contra quem fôsse, os meus comentários, longe como estou, quando aí chegassem, teriam perdido a oportunidade. Uma outra razão determina o meu silêncio: a certeza absoluta, firme, inabalável, que, aliás, deve estar no espírito de todos que sejam inteligentes e queiram interpretar, desapassionadamente, os factos sôb as regras impostas pelo conhecimento da estrutura social do nosso povo e das leis da história, de que, breve, tudo há-de mudar e de que Guimarães poderá recommear a progredir, retomando o caminho que, tão brilhantemente, lhe foi aberto por aqueles que, acima das suas comodidades pessoais, põem o interesse geral, e que só num regimen republicano podem ser escolhidos entre os mais inteligentes e de mais rasgada iniciativa.

Hoje, porém, não resisto ao desejo de vir a público com meia dúzia de palavras, que são exclusivamente destinadas para aqueles que, independentemente de preconceitos políticos, amam sinceramente a sua terra. Quero vir trazer-lhes um pouco da minha fé e da minha tranquilidade. Sei quanto os interessa, quanto carinho lhes merece tudo quanto significa progresso e engrandecimento do concelho; sei, porque vi com os meus olhos com que amor esse povo acompanhava, pedra por pedra, a construção do seu novo edifício municipal, quanto essa obra os interessa. Pois eu venho dizer a esse mesmo povo, naturalmente deprimido por dois anos de obras a fingir, proseguidas desde Junho ou Julho de 1926, de forma que mal disfarça a preocupação única de as desacreditar, que se não aflija nem se zangue com a caricata, com a ultra-ridícula exposição do tapume; daqui, de longe, ao ter conhecimento desse novíssimo e manhoso processo de obstrução, desatei a rir; compreendo que àqueles que, de perto e com maior minuciosidade, estão vendo o que se passa, tais palhaçadas despertem mais uma dolorosa revolta do que uma hilariante despreocupação. Mas, a verdade é que o risível convite do tapume para que se manifeste o crítico do já, e muito bem, citado Apelles, a dar a opinião que justificará a suspensão definitiva da obra, não prejudica nem atraz. Mais vale parar com isso do que fingir que se trabalha; e a demora no recomeço a valer, sincero e entusiástico, dos trabalhos não será grande; mais um pouco de paciência que não deve perder, no último momento, quem tanto já esperou. Deixem, pois, sem aflições, suspender a obra. Deixem vir o sapateiro de Apelles, que não faltará à chamada do tapume, para cobrir a hiper-conspícua deliberação que permitirá aplicar o dinheiro, que se tem gasto com o simulacro das obras, em mais arranjos de utilidade para os prédios, fábricas e quintas de tanta gente que não sabia o que era *melhoramentos* desde 1910 para cá. Deixem lá.

E' certo que o projecto do edificio foi feito por um dos mais eminentes senão o mais eminente dos architectos portugueses, professor distinto entre os mais distintos, artista de arrojados e esplendidos vôos, que nada tem que se julgar pequeno ao lado dos maiores de cá de fora. E' certo que esse projecto foi reputado como o melhor entre vários outros, alguns dos quais também extraordinariamente belos, e firmados todos por architectos de nome. E' certo que essa escolha foi feita por artistas, architectos e professores de competência que, nem legalmente, nem razoavelmente, pode ser excedida. E' certo que os planos da obra foram sujeitos, em exposição na séde da Sociedade Martins Sarmento, à crítica e apreciação de toda a gente e que só louvores e aplausos entusiásticos se ouviram. E' certo que, ao iniciarem-se os trabalhos para a sua execução, esse projecto e respectivos planos foram largamente distribuídos em folheto pelas próprias casas de todos os municípios em geral, para que a opinião pública mais facilmente se pudesse manifestar, e ninguém lhes achou defeitos. E' certo que esses mesmos planos foram colocados em exposição permanente no átrio dos Paços do Concelho para que ninguém lá pudesse entrar sem os ver e que, portanto, durante cerca de 6 anos, o povo de todo o concelho perante eles tem desfilado, só os não conhecendo quem não quer. E' certo que a execução da obra, feita em muito propositadamente a descoberto, sem os usuais tapumes a ocultá-la, tem sido acompanhada por milhares de vimaranenses que a conhecem, porisso, até às últimas minuciosidades. E é certo, também, que qualquer deficiência ou imperfeição de detalhe que nessa execução vão sendo notadas facilmente se corrigem ou modificam com a boa vontade de todos que apenas desejam o progresso da terra e a perfeita adaptabilidade de uma formosíssima obra d'arte ao pensamento que a domina. E' certo que pregar, depois de tudo isto, com os planos num taipal, à espera do sapateiro que se limite a mandar parar tudo por já não haver fôrças que possam arrasar o que está feito, entristece o povo de boa fé que já se tinha esquecido da mesquinhez e chinezices da antiga política monárquica, que teve Guimarães parado e atraz de todas as restantes terras do país, durante dezenas d'anos. E' certo tudo isso. Mas, também é certo que as nuvens passam e o sol fica, também é certo que a República é o regimen que a nação portuguesa deseja e há-de ter, e que, dentro d'ele, são impossíveis atentados como o de que se trata, em que o bom senso e os legítimos interesses duma terra são sacrificados em holocausto à odiosa política caciqueira e ao natural rancôr da treva contra a luz! Gente da minha terra, que quer, alheia ao retorcimento velhaco da política antiga, ignorante das manhas e tricas que foram moda e necessidade mas que hoje só por aberração momentânea revegetam, povo de Guimarães, que só deseja, simples e singelamente, com ardente e sincera veemência, o engrandecimento da sua cidade, corações ao alto! O tapume àmanhã, será um mau sonho, sem ensanchas para pesadêlo. A obra dos paços do concelho há-de proseguir e com uma actividade tão grande que depressa se recuperará o perdido nestes dois ou três anos de desgraça para o concelho.

Paris, 4 de Janeiro de 1929

## Com vista à Câmara

Referimo-nos, no nosso número anterior, ao prédio onde habitou a família Freitas Costa, que anda a ser concertado pelo senhorio, fazendo ver á Câmara a necessidade que há de, na presente ocasião fazer o seu alinhamento, visto o prédio em referência ameaçar ruína.

Fomos informados pela pessoa que está encarregada de proceder ás obras que, antes de as iniciar procurou o Snr. Presidente da Câmara afim de conseguir demolir a parte do prédio que está fora do alinhamento sendo-lhe respondido que a Câmara não tinha verba para isso.

Lamentamos que a Câmara de acordo com o senhorio deixem passar esta oportunidade sem que se faça o necessário alinhamento do prédio em questão.

Não é preciso verba. O que é necessário é que haja boa vontade e dedicação pelo embelezamento da cidade.

## Diz-se...

Que certo vereador municipal — conhecido pelo «*empata*» — costuma invocar a *religião de Cristo* e a *economia* aconselhada pelo snr. Ministro das Finanças, respectivamente, quando não quer concordar com determinadas propostas e quando pretende fazer mal aos seus semelhantes...  
Que modelo de virtude!

\*

Que se indigita para Administrador do Concelho, um conhecido cacique monárquico.

Não acreditamos na veracidade do boato, mas também não ficaremos surpreendidos se tal facto se der. Em certos casos, a soma dos antecedentes está para a soma dos consequentes...

## Da Redacção

Por absoluta falta de espaço, fica-nos algum original para o proximo número, pedindo desculpa aos seus autores.

Este número foi visado pela  
Comissão de Censura

Na Sociedade Martins Sarmento Para que todos saibam Pelos pobres de Guardizela

Sessão solene de homenagem ao antigo Inspector Escolar de Guimarães — Ex.<sup>mo</sup> Sr. Manuel Augusto Ribeiro d. Miranda —

No passado dia 10 do mês corrente realizou o professorado primário do concelho de Guimarães no salão de festas da Sociedade Martins Sarmento desta cidade uma sessão solene de homenagem e congratulação pela elevação a Inspector — Chefe de Região Escolar — Ex.<sup>mo</sup> Senhor Manuel Augusto Ribeiro de Miranda, nosso querido amigo, e antigo Inspector do extinto Circulo Escolar de Guimarães.

Minutos antes da hora designada nos convites estava já o esplendido salão regularmente povoado de professores e professoras, que aguardavam a chegada de S. Ex.<sup>a</sup> que às 13 horas e 20 minutos ali deu entrada.

Foi recebido com uma quente ovação e prolongada salva de palmas que S. Ex.<sup>a</sup>, agradeceu com um aperto de mão individual.

Terminados os cumprimentos, assumiu a presidência, ficando secretariado pelos ilustrados professores — Pereira, das Taipas e D. Sofia, de Sande.

Pela professora mais moderna — queremos crê-lo — presente, foi lida uma mensagem.

Terminada a leitura, por um dos organizadores da simpática festa foi oferecida a Sua Ex.<sup>a</sup> uma artística prenda, como valioso testemunho de reconhecimento dos seus antigos subordinados.

A mensagem estava belamente encadernada.

Seguidamente iniciou a série de discursos o senhor professor Godinho, falando mais uns quatro professores.

Todos os discursos feriam a nota de gratidão pelos favores recebidos, do reconhecimento da justiça que sempre soube distribuir e da competência e zelo com que S. Ex.<sup>a</sup> se houve neste círculo escolar.

Um professor houve — o senhor José Teixeira — um dos principais organizadores da festa, que agradeceu muito comovidamente a comparencia da Imprensa naquela sessão solene, o que obrigou o nosso illustre amigo A. L. de Carvalho, na qualidade de representante mais antigo a agradecer as amáveis referências a tão importante instituição e esclarecer — muito inteligentemente, como sempre — algumas passagens do discurso do referido senhor professor, esclarecimentos que foram recebidos com toda a satisfação.

Estava fechada a série dos discursos.

Levantou-se então o homenageado que muito sensibilizado agradeceu a manifestação que — diz — recebia como a demonstração inequívoca de que tinha cumprido o seu dever.

Diligenciou referir-se aos aspectos mais secundários da festa e dos discursos com que a ilustraram, não olvidando a Imprensa, cuja altíssima missão social encarrecou, e especializando a imprensa local de quem levou agradabilíssimas recordações.

Não podia — diz S. Ex.<sup>a</sup> — ocultar a sua admiração pelos professores de Guimarães que lhe facilitaram imensamente a sua árdua tarefa, mórmente nos seus primeiros tempos, tempos em que o professorado se achava profundamente dividido, nem tampouco deixar de proclamar que foram eles — como bons professores que são — que o tornaram um bom Inspector.

Declara mais que as palavras da mensagem lhe eram gratas ao coração e que por isso do coração igualmente as agradecia, podendo os senhores professores dispensar-se de lhe ofertar mais

que esse testemunho sincero da sua admiração e da sua satisfação pela promoção que lhe foi concedida.

Associamo-nos com todo o prazer a esta homenagem muito merecida e justa, lamentando tão somente que para a festa fossem arrastados episódios que há muito deviam estar sepultados no túmulo do silêncio.

A Imprensa estava representada pelo senhor A. L. de Carvalho — pelo «Correio do Minho» — senhor Luiz Gonzaga — pela «Voz» e Jerónimo Ferreira Botelho, professor desta cidade — pela «Velha Guarda».

Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Guimarães Agradecimento

A Comissão Organizadora da «KERMESSE» realizada no jardim público desta cidade, em 4 e 11 de Novembro, na impossibilidade de agradecer directamente a todas as pessoas que de qualquer modo prestaram o seu concurso para a sua realização, vem por este meio tornar público o seu profundo reconhecimento para com todos. E assim, ás Ex.<sup>mas</sup> Autoridades locais, á Imprensa local e aos Snrs. Correspondentes dos jornais de Lisboa e Porto, ás Ex.<sup>mas</sup> e gentis Senhoras, aos Snrs. Comerciantes e Industriais que atenderam o seu apêlo, aos Snrs. Concessionários da Iluminação Electrica, ao iluminador Sr. Bernardo Barreira, a todos, em fim, esta Comissão expressa desta forma o seu sincero e indelével reconhecimento.

Guimarães, 30 de Dezembro de 1928.

A COMISSÃO.

Polícia Civil

Cópia dum officio recebido do Comandante da Policia Distrital:

«Que as praças do destacamento dessa cidade teem direito ás seguintes gratificações quando no desempenho de serviços que V. Ex.<sup>a</sup> lhes ordenar: Policiamento de espectáculos públicos e quaisquer serviços de interesse particular, dentro da cidade: Ajudante de Esquadra 8.000 e guardas 6.000 escudos, por cada 4 horas ou fracção. Aos domingos o dobro desta gratificação. Estas gratificações são pagas pelos promotores dos espetáculos ou particulares que requisitem serviços. Serviços fora desta cidade, ainda que officiais e desde que as praças tenham de tomar qualquer das duas principais refeições fora da sua residência 20.000 escudos diários e transporte. Estas gratificações são pagas pelo requisitante, ainda que entidade official.

(a) Lopes de Oliveira.»

Guimarães, 7 de Janeiro de 1929.

O Administrador do Concelho, António Coelho da Mota Prego.

Ferro T para ramadas.

Arame alemão, garantido.

Não comprem sem confrontar preços na casa

PEDRO DE MOURA

Rua de D. João I.º, 91,

Ex.<sup>mo</sup> Snr. Director da «Velha Guarda» — Guimarães.

Permita V. Ex.<sup>a</sup> que este pobre escrevinhador de jornais venha abusar da sua bondade, consentindo que estas linhas sejam registadas no seu jornal, para confusão de certos felisteus das Taipas e de todos quantos fora das Taipas servem ou tem servido de cirreus a um aleijado que nas formosas termas armou a confusão e a desordem — abarracando ódios disseminando intrigas e pondo até em alvoroço toda a gente honesta da linda povoação beira Ave; com o contrapêso de encabritar na barafunda este velho tabiscador de gazetas!...

Quero referir-me ao snr. Alexandre da Costa e Silva que num eco dos «Ecos de Guimarães» tentou mordiscar-me a ver se pegava a garotice da correspondencia de sua autoria que ele fêz publicar como sendo minha, pedindo-me em antes uma outra que não publicou, para fazer crer que fui eu o autor da correspondencia incriminada.

O snr. Costa e Silva sabe bem que me ludibriou; e ludibriou-me no próprio dia em que me pediu a carta que fez junto ao processo, dizendo-me que a correspondencia feita por mim era a querelada!...

Quando não era. A correspondencia querelada foi feita por ele. Eu só servi de cabeça de turco para o que desse e viesse...

Estonteia-me até, o pensar no sarilho que esse diabólico zaragatoiro armou, entodilhando-me como um Zé da Vêstia qualquer! Mas eu não o conhecia.

Foi tratante o snr. Alexandre. E vou provar lhe.

O snr. Costa e Silva sabe bem que tenho dêle dezenas de cartas que o deixam mal.

Autoriso-o a publicar as minhas. As suas vou publica-las quer me autorise quer não.

O snr. Costa e Silva sabe bem que nunca falei com o snr. Dr. Alfredo Fernandes nem tão pouco fui por ele procurado ou por outra pessoa para lhe escrever a carta que a «Velha Guarda» publicou a meu aprazimento.

Nunca o snr. Alfredo Fernandes ou alguém por ele pagou a carta cara que lhe escrevi. Impulsionou-a o meu instinto de repulsa contra a canalhice evidenciada e o arrojô que me percorreu todo o corpo ao ver como se tratou um homem que foi o joguete do snr. Costa e Silva na campanha contra o Turismo das Taipas para fins que só ele sabe, levando ao carrachucho uns poucos de homens bons daquela terra para gagar as custas por ele.

Tôja a gente das Taipas conhece, e eu, ainda que tarde quem é o «Magriço» que a tanto por cabeça logrou convencer a moleirinhos d'ali, persuadindo-os de que os levatia para o céu a cavallo, feirando o triste dinheiro dispendido em proêzias suas, mas dizendo-lhes que era para o jornalista de Braga que nem as cruzes ao dinheiro jamais viu!...

Ganhou assim, o snr. Alexandre, á custa de lôrpa, fama e proveito!...

Mas... para que é esta conta, Ex.<sup>mo</sup> Snr.?

Para confundir o snr. Costa e Silva?

Não; para o confundir definitivamente, espere só uns dias.

Na minha Carta de Braga a sair breve melhor direi das minhas razões, publicando as cartas do Snr. Alexandre, para confusão dos filisteus.

Vai ser uma nova epistola aos Corintios, ou aos lacedemonienses snr. Costa e Silva.

Braga, 2-1-929.

Teotónio Gonçalves.

Vox populi, vox Dei!...

Em pésinhos de lã, ou talvez melhor, calçando uns «silenciosos», — que não são muito caros em qualquer loja de coisas úteis, — veio o sr. Padre Gaspar Roriz á estacada, na defêza dum colega que não tem defêza possível!

Preambulando uns conselhos que se arroga guardar para uso próprio, — que mal disfarçadamente tentou seguir no seu artigo, — e fazendo-se realmente o *aulo panegirico* de escritor immaculado, passa de seguida, abruptamente, a *alcunhar-me de violento* na minha linguagem que, no seu *discutível* entendimento, nem me dignifica a mim nem a Imprensa, afirmando também que eu contrapuz a argumentos sérios somente umas tiradas que nem *deleitam, nem convencem, nem persuadem*.

Que diferença há entre convencer e persuadir?!

Ora...

Lamento que seja o sr. Padre Gaspar Roriz o julgador parcialissimo dos meus escritos e se, neste momento, *eum diligo interficio errores suos*, visto que esta causa também lhe é *própria*, motivo porque sua *reverência* está deslocado...

Os meus artigos longe de serem violentos e despejados, estão longe de envolver as aceradas puas que deveriam ferir quem, ambiciosamente, estava á espreita do azado *furo* para poder *desviar, venir suo*, aquilo que em breve seria dos desgraçados pobres de Guardizela.

E, quanto aos argumentos de que disponho, até o rev. Padre Roriz, no seu artigo, não conseguiu rebatê-los, tão pobre, imprecizo e inexacto se apresentou!...

Desculpando-lhe, *por ora*, o mal disfarçado intento de me ferir, permita-me que eu repise na mesma ordem de idéas já por mim seguida contra a incorreta atitude do actual abade de Guardizela em desfavor dos pobres de quem ele é... *pastor* querido.

Como *omnis potestas venit a Deo*, — e isto se não pode negar, — o poder de que os estadistas portugueses, realmente cononicamente bem fundados, poderam dispôr para fazer passar á posse do Estado os bens que a Igreja vinha fruindo, veio também de Deus, que, acima de tudo, é também omnivivente e tudo regula...

Sendo assim, o abade de Guardizela e o rev. Gaspar Roriz deviam sujeitar-se aos factos consumados pondo de parte quaesquer sentimento de ambição repreensível, que antes devem profligar-se que fomentar-se!

Mas a ninguém como aos pobres presbiteros se impõe a veneração e a adção da pobreza visto que, renegando a em si, cometem o mais hediondo e ignobil dos *perjúrios*, pois, solenemente nas suas diversas ordenações, juraram *pobreza voluntaria*!!

E quando esta pobreza possa redondar em *proveito colectivo dos outros pobres*, é altamente louvável e brilhante, é puramente celestial e divino!...

Tenha paciência o meu caro senhor Padre Roriz, mas meteu-se numa camisa de onze varas, bem mais larga do que a alva que enverga todos os dias para dizer missa...

O abade de Guardizela para ser virtuoso, *inteligente* e bom, não devia estar á espreita da *lebre* para a matar: — devia resignar-se para maior gloria de Deus, a viver, como até agora tem vivido, deixando — *ad gloriam suam*, — aos pobres aquilo que á Junta já tinha *custado dinheiro*...

Os pobres acima de tudo, snr.

padre Roriz... E' doutrina sacratissima da Igreja, dessa Igreja que até aos padres obriga a jurar solenemente que querem *sêr, voluntate sua, pobresinhos*...

Mas quer lá saber o abade de Guardizela dos pobres da sua freguesia!

O *pobresinho*, em ocasião propicia, organizou maliciosamente uma junta que *assinava de cruz* o que ele queria, não tratando da organização do Asilo como a elle padre convinha e, *denunciante emérito*, uma vez protelada para além do praso governamental, zás... *desfechou o tiro* que matou o Asilo para sempre! (?)

Para sempre...

Isso é como quem diz!...

Veremos se, noutra época, eu conseguirei ser agradável aos pobres da terra, inaugurando-lhes o almejado Asilo.

As *auras* não hão-de ser sempre as mesmas, e este processo é preciso revêr-se...

Para terminar, direi que o rev. padre Roriz nem sempre é verdadeiro no que afirma.

Assim, padre algum antecessor colheu metade dos frutos, mas sim *colheu somente os relativos a um traço de terreno que, por benevolência se lhe cedeu*.

Assim é que está certo, senão que o diga o meu illustre amigo e venerando Padre José Caldas.

Outras incorrecções há que não vale a pena rectificar. Em 16 de Dezembro findo (veja-se o que escrevi em «A Velha Guarda» desse dia) eu pulverizei *tudo*, em muito clara e justa linguagem e com elementos que os imparciais juizes — que não o meu catôno contendor, — acharão apropriados e indestrutíveis!

E o «Ecos» aproveitaria melhor o seu espaço se tivesse transcrito outras crónicas de sua *reverência*, que não esta, ádrede posta em suas colunas a pedido e propositadamente...

A sanha interior que lhe *mina* e predomina nos fígados, nós bem a conhecemos e, por bem avisados, não a tememos.

Não vale a pena *por agora*, moermos mais este assunto. O snr. padre Roriz fique-se com a sua *Pax* ao lado do abade de Guardizela, até que eu possa, um dia, despertá-los a de novo ensarilhar armas.

Tu autem, Domine, miserere nobis.

Até depois snr. Padre Roriz..., e oxalá que o Novo Ano o inspire a campanhas onde predomine, sem faciosismo, a *Justiça* e a *Verdade* — radiações benditas da verdadeira religião católica!...

A. P.

CASA DAS GRAVATAS

Chapelaria, Camisaria e Gravataria.

Meias, piugas, suspensórios e ligas.

Sempre grandes novidades.

Dias & Carvalho, Limitada

Rua da Republica, 43 a 47 — GUIMARÃES

Pinte a sua casa com

MURALINE

a melhor tinta a água